

Black Magic

Número 01 - Outubro 2014

Coordenação e Edição

CHARLES DIAS

revistablackmagic@gmail.com

e

ANA LÚCIA MEREGE

anamerege@gmail.com

Revisão

DENISE CAMARGO

dercamargo@yahoo.com.br

Editoração

CARLOS RELVA

carlosrelva@gmail.com
www.carlosrelva.blogspot.com

Para contatar os autores:

Allana Dilene

allana.dilene@gmail.com

Ana Lúcia Merege

anamerege@gmail.com

Carlos Relva

carlosrelva@gmail.com

Charles Dias

revistablackmagic@gmail.com

Karen Alvares

kvs.alvares@gmail.com

Marcia Harumi Saito

mhs1971@gmail.com

Melissa de Sá

melissacdesa@gmail.com

Pedro Luna

pedro_lunacf@hotmail.com

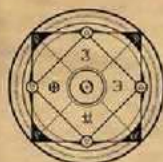
Rodrigo van Kampen

rodrigokampen@gmail.com

Ubiratan Peleteiro

upeleteiro@yahoo.com.br

Editorial _____ 5



Despertar

Allana Dilene _____ 6



Avatares

Ana Lúcia Merege _____ 14



A Esfera de Amenethotep

Carlos Relva _____ 22



Além do Reflexo no Espelho

Charles Dias _____ 38



Lábios de Solidão

Karen Alvares _____ 50



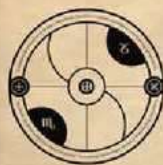
O Lobo das Portas

Marcia Harumi Saito _____ 56



O Tecer da Escuridão

Melissa de Sá _____ 68



O Caminho da Emboscada

Pedro Luna _____ 78



Meu Cachorro comeu uma Fada

Rodrigo van Kampen _____ 96



O Vale do Casal

Ubiratan Peleteiro _____ 102

Editorial

É fato que, nos últimos anos, o gênero “Fantasia” ganhou uma notoriedade entre o público leitor brasileiro nunca antes visto.

Se antes praticamente todos os livros mais lidos pelos brasileiros apreciadores de boas aventuras com vampiros, bruxos, deuses, guerreiros, elfos, lobisomens e até anjos vingadores vinham do exterior, hoje já contamos com grandes nomes desse gênero literário brasileiros “da gema”.

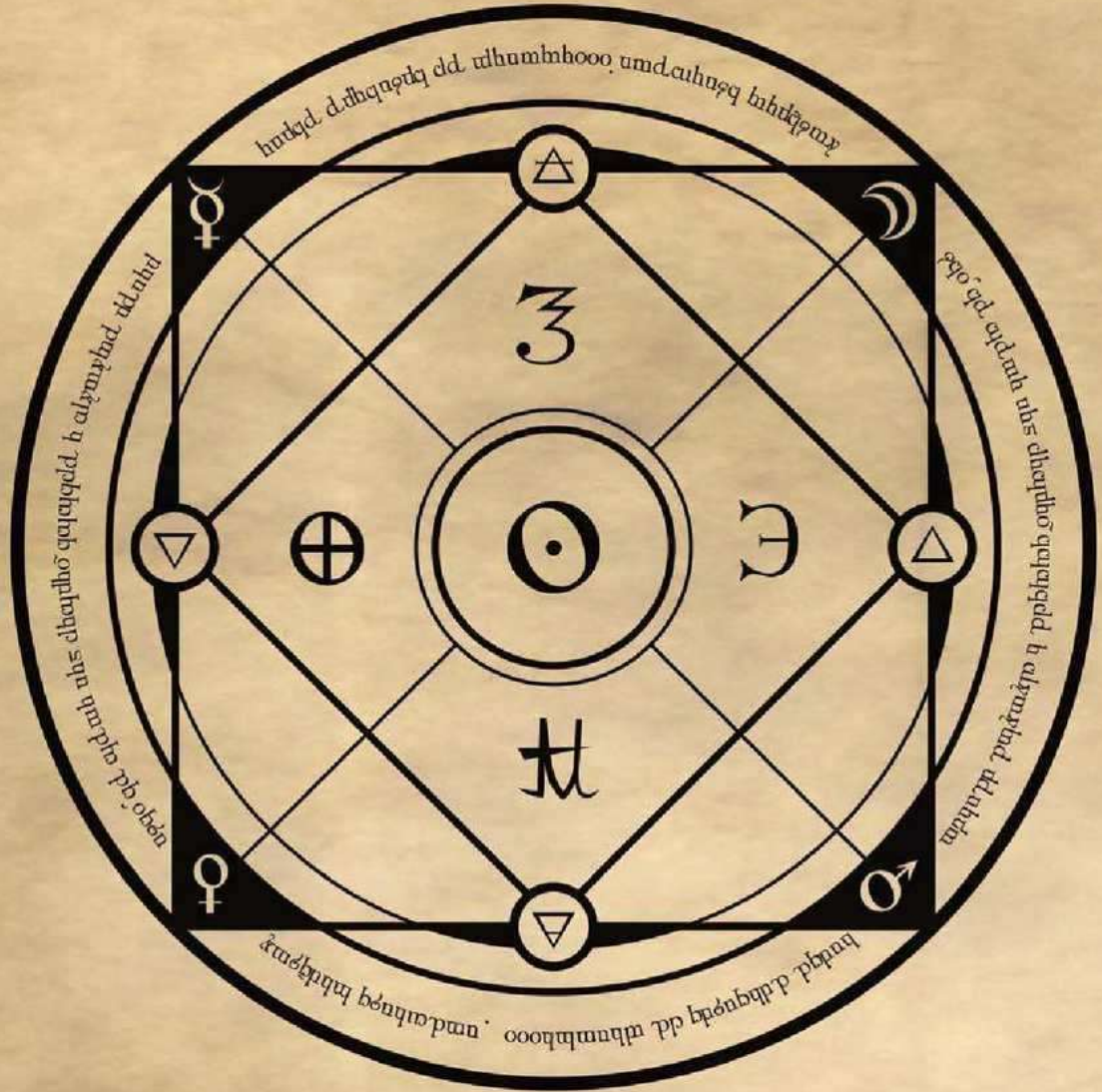
Quando começou esse *boom* da literatura fantástica no Brasil, conversando com o Carlos Relva, escritor e diagramador da revista *Black Rocket* (ficção científica), onde trabalhamos em conjunto com outros escritores, tivemos a ideia de lançar uma revista digital irmã dessa, porém voltada para a literatura de fantasia, nascendo, assim, a ideia da *Black Magic*.

Nossa primeira tentativa de lançar essa revista não foi bem-sucedida. Analisamos por que o projeto não decolou e concluímos que foi devido ao momento, onde havia, sim, um *boom* de leitores, porém o número de escritores brasileiros do gênero, com produção de qualidade e no perfil da revista que bolamos, ainda não era suficiente para que a transformássemos em realidade.

Como um bom vinho, a *Black Magic* ficou guardadinha na escuridão de uma adega literária, até que, no final do ano passado, sentimos que 2014 seria o ano propício para colocarmos esse projeto em prática. Foram vários meses de idas e vindas, mas finalmente você tem diante dos seus olhos o resultado que bolamos desde o início, uma revista digital de fantasia totalmente gratuita, com contos de ótima qualidade e com 100% de autores brasileiros.

Boa leitura e não deixe de nos dizer o que achou da revista!

Charles Dias
Coordenador e Editor
revistablackmagic@gmail.com



Desperta

Allana Dilene

- **L**iberdade. Você me promete?

Sorriu com a resposta que só ele poderia ouvir. Olhos fechados, os cabelos emaranhados brincando com o vento, agradecendo o afago que recebiam. O corpo frágil parecia também querer ser levado embora, coberto apenas com o retalho branco que vestia há tempo. Tanto que já não conseguia precisar. Meses, dias, semanas. Anos, talvez?

Continuou sorrindo diante da própria tolice. Nada daquilo importaria mais. O céu abria-se diante dos seus olhos, agora abertos, agora capazes de *ver*. O vento não apenas acarinhava-lhe os cabelos lisos e compridos, mas parecia abraçá-lo, dando-lhe boas vindas. Uma calma real o invadiu, sensação da qual já não lembrava. Carregando uma certeza absoluta, talvez pela primeira vez na vida, lançou o corpo para fora da janela.



Foi com esforço que se levantou aquela manhã – efeito dos remédios, tinha certeza. Demorava cada vez mais a acordar, e era sempre um sono limpo, apenas ele e a escuridão. Como um bônus, passava o resto do dia sonolento. Pensava que, qualquer dia desses, poderia não acordar de novo. A ideia não o desagradava de todo; depois dos remédios, as visões diminuíram, era verdade. Mas também minguava seu interesse por qualquer outra coisa: leitura, estudo, pessoas. Vivia em um estado que não se importava se estava ali ou não.

E, se era assim, por que simplesmente não parava de tomá-los?

Paulo tinha medo, esse era o motivo. Medo do que o reflexo lhe guardava, do que os sonhos lhe reservavam quando voltasse a tê-los. Medo que escondia sob os cabelos negros, quase sempre desgrehados. Sob as roupas desleixadas, amassadas e sem muito cuidado. Sob sua incapacidade de encarar espelhos.

Detestava-os. Evitava encará-los por mais tempo do que o necessário, pois, sempre que se distraía com sua própria imagem, eles estavam lá. Às vezes, de relance, fortuitos. Em outras, a visão era aterradora demais para que fizesse qualquer sentido.

Os olhos azuis encaravam o computador, exibindo a tela padrão do programa da loja de sua tia. O toque gelado na sua mão o fez estremecer e voltar a si. Automaticamente, pegou a maquineta de código de barras e efetuou a venda. São R\$ 53,29, senhora. Conferiu o troco duas vezes. – Tenha um bom dia!

Fingiu não notar o olhar preocupado da tia do outro lado do balcão. Sabia que ela o chamara para trabalhar apenas para tirá-lo de casa, de onde não saía desde que o tratamento havia começado. Olhou-a e forçou um sorriso rápido. Ela pareceu constrangida, mas retribuiu o gesto.

– Como está se saindo, querido?

– Me atrapalhei com os cartões, mas acho que está tudo bem – respondeu, voltando o olhar para o monitor. Gostava da tia, e a semelhança com a mãe até o divertia, mas não conseguia ver, dentro de si, que se importava com o que ela pensava.

– Não é disso que eu estou falando. Seu empenho eu posso ver, Paulo. Mas... – parou, como se procurasse as palavras. Inspirou brevemente e continuou. – Mas como você está se saindo aqui fora?

– Eu estou bem, tia. – olhou-a de volta, o mais normal que poderia parecer. O que exatamente ela queria dizer com “aqui fora”? – Não precisa se preocupar, eu estou bem. Quando não estiver, a senhora vai saber.

– E o trabalho? – Léia perguntou depois de algum tempo, sem conseguir disfarçar o constrangimento.

– É chato, repetitivo, mas ajuda a ocupar a cabeça.



Sob chuva, voltaram para casa aquele dia. Os fones de ouvido isolavam-no da MPB da tia, do barulho do motor e o mantinham acordado. A sonolência chegou repentina, e a chuva não ajudava. O fone de ouvido também inibia qualquer tentativa de socialização de Léia, o que já era grande consolo.

Despediu-se quando o carro parou e não esperou a resposta. Correu para o portão, sacando as chaves do bolso, e entrou em casa meio molhado. Sem se preocupar em cumprimentar ninguém, foi para o quarto. Tirou os tênis sem desamarrar os cadarços e desabou no colchão. Logo foi abençoado pela inconsciência do sono.



Os pés roçavam a terra afogada, afundando-se nela sem cerimônia. O cheiro de solo molhado invadia-lhe as narinas, indicando que devia ter chovido há pouco tempo. A lua erguia-se enorme no céu, banhando em prata as gotas de água na folhagem espessa da floresta que se abria diante dos seus olhos.

Os sonhos haviam voltado.

Não teve tempo para ponderar. Primeiro, uivos, seguidos de latidos altos e em diferentes tons. Relinchaes altos, trotes desesperado de cavalos e um leve tremor sob seus pés indicaram-lhe que precisava fugir dali. Sem entender bem o porquê, correu para a mata.

É um sonho, repetia para si mesmo, enquanto corria desesperado. E sonhos não precisam fazer sentido. Logo acordaria em cima da cama, e estaria tudo bem. Os galhos se quebrando sob seus pés, ou machucando seu rosto e braços, faziam-no duvidar dessa certeza tão óbvia. Sentia o suor escorrendo, grudando no corpo inteiro; o calor abafado no coração da floresta, ausente de vento; a profusão de galhos e folhagens que pareciam querer atrapalhar-lhe a fuga.

Fugia. De quê? Não se atrevia a olhar, não queria constatar o óbvio: estava enlouquecendo. Vozes se juntaram aos relinchos, cada vez mais altos, mais próximos. Grunhidos, palavras que não conseguia entender. Quase podia sentir o hálito quente dos animais na nuca. Risadas, gritos. Metal se chocava contra metal, e esse som ia aumentando, perturbando-o, ganhando formas de um zunido que parecia capaz de estourar-lhe os tímpanos. Eles estavam vindo, e ele precisava sair dali.

Continuou correndo, adentrando cada vez mais na floresta, que se fechava ao seu redor. Poucos eram os raios de luz noturna que conseguiam atravessar as folhagens pesadas. Com esforço, Paulo puxava o ar para os pulmões, arfando. O desespero o impediu de ver as altas raízes de uma árvore enquanto corria. Tropeçou e caiu sonoramente no chão.

Com os olhos arregalados de terror, vislumbrou seus algozes. O líder, uma criatura enorme, com o dorso de um cavalo e o resto do corpo de homem, encarava-o com um sorriso perverso de ódio. Olhos vermelhos e fumegantes, um rosto quadrado e largo. Em uma das mãos, uma espada de lâmina larga que emitia um estranho brilho azulado.

Atrás, seu séquito. Cavaleiros montados, cobertos da cabeça aos pés por um manto escuro e etéreo, moldado das sombras da noite. Outros vinham a pé, criaturas de pele esverdeada e cheia de pústulas, mãos desproporcionalmente grandes, com garras que se arrastavam na areia enlameada. Cães enormes, de patas esqueléticas e olhos de um brilho azul faiscante.

– Finalmente nos encontramos, *Alberon!* – o líder cuspiu as palavras numa voz retumbante. – Cavalguei por dimensões para encontrá-lo, mas o esforço valeu a pena. E preso nesta casca mortal, sua magia simplória não o salvará.

– O que quer de mim? – Paulo gritou, a voz esganiçada pelo medo e pelo cansaço. Não fazia ideia do que estava acontecendo, nem do que aquela criatura aterradora falava. – Me deixe em paz! Saiam daqui!

O pé doía de forma aguda, e sentia o sangue escorrer de um ferimento no calcanhar. A queda havia sido mais grave do que imaginava. As criaturas o encaravam, cercado-o, aproximando-se lentamente. Um dos cães avançou com um salto, abrindo a bocarra na direção do rosto do rapaz. Por instinto, Paulo levantou o braço e sentiu as presas arranhando a pele. O líder, porém, tomou a frente, impedindo o avanço dos outros.

– Ele é só meu!

Rapidamente, o ser com patas de cavalo brandiu a espada colossal, descendo a arma na direção do peito do rapaz. Uma outra voz, claramente feminina, proferiu palavras em um idioma desconhecido, mas estranhamente familiar para Paulo. Um raio flamejante então cortou o ar, iluminando toda a turba por alguns instantes e atingindo a criatura, que berrou de dor. O golpe, porém, ainda atingiu seu alvo.

Paulo sentiu a lâmina zunir pelo ar e cortar sua carne na altura do abdômen sem muito esforço. A dor o atingiu de súbito, intensa e incapacitante. Afundou o corpo na terra suja, gritando de dor. À distância, vislumbrou uma mulher em um vestido vermelho e cabelos compridos vindo em sua direção. Quem seria? Não sabia, mas estendeu-lhe a mão debilmente, antes de cair inconsciente mais uma vez.



Lorde Alberon, líder da Corte Seelie do Norte, brandia sua espada em meio à horda terrível. Empunhando a lâmina dourada, Alberon proferia encantamentos de grande poder, dando vida às palavras pronunciadas no idioma tão antigo quanto o seu povo. O efeito foi imediato: um trovão soou alto, acompanhado de um relâmpago poderoso, atingindo um grande grupo que cercava ele e seus guardas, derrubando-o. Aquilo, porém, não bastaria para pôr um fim ao embate.

O conflito entre as cortes Seelie e Unseelie remontava há eras, e como toda guerra, os verdadeiros motivos que a iniciaram se perderam no tempo e na memória de seus precursores. Em Arcádia, conhecido entre os mortais simplesmente como “mundo das fadas”, o confronto já era algo que fazia parte do cotidiano de seus habitantes. Muitas vidas e muitas almas foram perdidas de ambos os lados, e todos os seres feéricos conheciam a verdadeira forma de destruir verdadeiramente uma fada – o ferro frio.

O ferro, forjado a uma temperatura mais baixa que a habitual, e levado menos vezes à fornalha, resultava em armas não tão resistentes, mas capazes não só de ferir as fadas, como de prender sua alma ao objeto. O corpo de um sidhe pode ser destruído por meios mundanos, mas com a alma livre, ele não demoraria a retornar à vida. A ideia desse destino assombrava Lorde Alberon, pois a verdade é que, apesar do conflito constante, a corte Unseelie nunca chegara tão longe.

As hostes assomavam-se às muralhas dos castelos, e as notícias vindas do Sul não eram animadoras. Ele não tinha dúvida de que aquele não seria o fim do embate, que perduraria ainda por muitos séculos e milênios, mas as perdas já eram muitas. Ele não podia simplesmente tombar ali e deixar o seu povo à mercê daquela horda desenfreada.

– Alberon! – o grito se sobressai em meio aos barulhos da batalha. O sidhe de longos cabelos negros procurou a voz conhecida com os olhos e não tardou a encontrar sua fonte. Sentiu o rosto se contrair e um calafrio descer-lhe pela espinha.

Quíron, a enorme criatura, com rosto e braços como os de um humano e o dorso forte de um cavalo de pelugem negra, brandia sua conhecida espada larga e empunhava um sorriso diabólico, acentuado pelos olhos que brilhavam como chamas. A lâmina pingava rubro, sangue dos seus outrora semelhantes derramado. Alberon não teve tempo de se questionar a respeito das motivações daquele que um dia fora seu amigo, mas sua presença ali explicava o sucesso de tais ataques, pois Quíron conhecia não só o terreno, mas os pontos vulneráveis e as fraquezas da Corte do Norte. Com pesar, o lorde sidhe começou a proferir mais um encantamento; um que ele esperava que não o fizesse recorrer ao Ritual.

O chão sob as patas de cavalo do sidhe estremeceu, e rachaduras começaram a se abrir. Antes que pudesse perceber o que estava acontecendo, a horda que acompanhava Quíron caiu na fenda que se abriu em segundos sob seus pés. Alberon se concentrava para que a terra atendesse ao seu chamado, mas também para garantir que fadas seelie não tombassem sob seu próprio feito.

O rugido da terra não conseguiu se sobrepor à voz estrondosa do sidhe corrompido, que, apoiando-se sobre os corpos inertes dos seus soldados, saltou acima da fenda. Seguindo uma investida colérica, a criatura brandiu sua espada contra Alberon, atingindo-o em cheio, derrubando-o ao chão.

O lorde sidhe levou a mão ao ferimento no abdômen, os sentidos foram falhando por um breve instante. Viu seu adversário se aproximar, saboreando antecipadamente a vitória, e não conseguiu evitar um sorriso dolorido ao ver a expressão do seu rosto mudar para a surpresa e logo para a ira profunda, conforme a projeção astral de Alberon desaparecida.



Caindo sem forças sob o próprio peso, o lorde feérico ainda conseguia ouvir os sons da batalha, agora abafados pelas paredes do castelo. O ferimento no flanco esquerdo sangrava profusamente. O pequeno truque, porém, serviu ao propósito: impedir que seu corpo se perdesse em meio à batalha e sua alma ficasse presa em alguma arma mundana do inimigo. Aquele golpe, porém, seria fatal. Alberon sentia, com o sangue, esvair também a sua essência. Era o momento de começar o Ritual.

Foi carregado pelos braços. Sua esposa Thea e um dos magistrados arrastavam-no com esforço pelos corredores do castelo.

– Sigam... o plano de fuga. Quíron... está entre eles... e... não vai... parar até que...

– Já está tudo pronto, querido. Você sabe que ficaremos bem – respondeu-lhe a esposa arfante, provavelmente mais para si mesma do que para ele. O rosto naturalmente corado na ninfa estava pálido; seus trajés, banhados pelo sangue do marido. Não tinham muito tempo.

O cortejo debilitado chegou à sala iluminada por chamas azuladas, e no chão um círculo apinhado de runas estava desenhado. Alberon preparara tudo antes, na esperança de não utilizá-lo. Com esforço, deixou o abraço da esposa e adentrou na área, e os símbolos emitiram um leve brilho, reagindo à sua presença. Sua alma deixaria Arcádia, e, um dia, ele deveria retornar. Não sabia precisamente quando ou como, mas aquela era a única chance que tinha. Se morresse ali, todo o conhecimento que carregava e toda a magia latente seriam perdidos e, talvez, em algum ritual profano, até usados contra seu povo.

Seu destino, agora, era o mundo dos mortais. Lá ele estaria seguro dos inimigos – da corte Unseelie, da vingança irascível de Quíron, da obliteração por uma arma do gélido metal. Sua alma habitaria um corpo de alguém – algum mortal com quem partilhasse parentesco de sangue. E lá ele ficaria até o momento em que a batalha o chamasse novamente.

Olhou mais uma vez para a esposa e viu lágrimas ferirem a beleza de seu rosto. Quis consolá-la, dizer que se reencontrariam, mas sabia que o tempo era curto. Lutando contra a própria inconsciência, Alberon pronunciou as palavras do encantamento. Os sons ao seu redor foram esmorecendo, e ele sentiu seu corpo desfazer-se em mil pedaços, como se forças diversas o puxasse em todas as direções. Não podia ouvir a própria voz, mas sentiu que gritava de dor. A luz das runas aumentava cada vez mais, e logo ela tomou toda a sala, cegando-o.



Paulo acordou gritando para o quarto, de dor e de medo. Tudo sonho; não passavam de sonhos. Gargalhou histérico da situação. A floresta, a perseguição, a batalha, nada além de um sonho perturbado.

A porta foi aberta estrondosamente. Sua mãe, descabelada, olheiras e a camisola desajeitada no corpo. Viu a expressão de horror crescer no rosto dela, mas não entendia o porquê. Puxou o ar para explicar e sentiu o líquido rubro espalhar-se pelo colchão. Seu sangue, de um ferimento na barriga. O pé esquerdo, definitivamente quebrado. A janela aberta dava para o jardim, e a lua ia alta no céu, indiferente.



Paulo não se dava mais ao trabalho de olhar quem entrava no seu pequeno quarto de hospital. Na maior parte do tempo, estava tão drogado que quase não reconhecia ninguém além da família imediata. As enfermeiras o tratavam com condescendência, e ele já não se importava. Ninguém acreditaria no que quer que ele dissesse. Estava louco.

No entanto, nunca ficava só. Sempre que estava acordado, via Thea em algum lugar do quarto. Sua forma esbelta, seus vestidos esvoaçantes, seu longo cabelo acobreado descendo em cascatas irregulares pelos ombros. Ela sempre sorria para ele, sempre o chamava, carregando nos olhos uma tristeza tão profunda que quase podia tocá-la. O que a deprimia tanto?

– Sua condição, meu amor – um dia, ela respondeu, mesmo que ele não tenha falado uma palavra. Sua voz soava como a mais doce e melancólica das melodias. – Por que continua aqui? Não percebe que este não é o seu lugar, e sim sua prisão?

Ele virou o rosto apavorado. Quis chamar alguém, quis gritar por ajuda, mas algo dentro de si o impediu. E se os sonhos com esse tal Alberon fossem verdadeiros? E se as criaturas que o espreitavam pelos reflexos fossem seus inimigos conspirando à sua volta? Seus ferimentos, naquela noite, eram bem reais.

Não! Era mentira, era tudo mentira. Ninguém mais os via, eles não existiam, não havia nenhuma Thea ali. Lágrimas aqueceram o rosto, apenas para que o jovem sentisse os dedos da fada afastá-las.

– Venha comigo, meu amado. E terá a liberdade que tanto deseja. Prometo!

– E... tudo vai parar? – balbuciou. – Os sonhos, os monstros nas sombras quando as pessoas estão olhando?

A ninfa assentiu, presenteando-o com o mais acalentador dos sorrisos. Ele, então, pegou na sua mão, levantou-se do chão gelado e se deixou levar. Antes que percebesse, estava diante da janela aberta, sentindo o vento brincar com seus cabelos escuros. Não era o vento. Agora podia ver. Eram pequenas criaturas, de asas e contornos transparentes, que brincavam com seu rosto. Agora podia *ver*. Agora seus olhos estavam abertos. Sorriu, como não fazia há muito tempo, e pulou.★